



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

As casas e seus altares: uma análise etnográfica sobre as narrativas e as materialidades na devoção aos santos na Cidade da Bahia

Autoria: Debora Simões de Souza Mendel (IF Baiano)

Os altares domésticos são espaços rituais montados para e em louvor aos santos. A partir dessa breve definição, analisarei espaços privados de devoção à Santa Bárbara e à Iansã em Salvador. Imagens tridimensionais dos santos, doces, rosa ou um conjunto delas (muitas vezes de plástico), velas, santinhos, fitas decorativas, fotografias, a combinação destes elementos formam o altar. Em dias extraordinários, eles recebem pratos com acarajés e/ou caruru. Por meio das narrativas de devotos e das materialidades dos altares, apresentarei as categorias ?família dos santos? e ?santos das famílias? e como essas duas concepções colocam em operação e em relação termos como: herança, infância, tradição, público, privado, gratuidade, obrigatoriedade entre outros. A ?família dos santos? são grupos de imagens que estão sempre juntos nas casas. Em geral, esse espaço ritual agrupa um panteão que envolve Santa Bárbara, São Jerônimo, Santo Antônio, São Jorge, São Lázaro, São Cosme e São Damião. Esse conjunto de santos são justificados pelas narrativas míticas dos devotos que os relacionam com as entidades das religiões de matrizes afro-brasileira. Nesse contexto, cada uma das imagens é associada aos seguintes orixás: Iansã, Xangô, Ogum, Oxóssi, Obaluaíê e os Ibejis, respectivamente. Os ?santos das famílias? referem-se às devoções de cada membro familiar a um ou mais santos específicos componente dos altares domésticos. Eles podem ser definidos como um grupo de santos que uma família possui e que, em muitos casos, englobam as mesmas imagens componentes das ?famílias dos santos?. A materialidade presente nos altares domésticos é essencial para compreender tanto os ?santos das famílias? quanto às ?famílias dos santos?. Ao seguir o caminho das coisas e pessoas (santas e não santas) pelos cômodos das casas focalizo nas integrações alicerçadas na ideia de religião vivida (Morgan, 2019), ou dito de outra maneira, nas práticas religiosas



(Meyer, 2012). Assim, me direciono para as ações que envolvem corpos, coisas, imagens e narrativas por meio dos quais as práticas religiosas tornam-se concretas e presentes (Meyer, 2012).



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: